
TRAJETOS (,) IMPREVISTOS (,) SENTIDOS NA CIDADE

Por: Carolina P. Fedatto*

ORLANDI, Eni P. *Cidade dos sentidos*. Campinas: Pontes, 2004. 159 p.

Como falar (n)(d)a cidade? Essa é a questão de alguns pesquisadores que vêm nesse grande acontecimento da atualidade um espaço fecundo de reflexão. É também a pergunta que (des)organiza cidadãos, moradores, habitantes, transeuntes.

Eni Orlandi vem desenvolvendo projetos, em conjunto com a equipe do Labeurb, que colocam os estudos da linguagem na prática dos estudos urbanos. Esse *outro* olhar para a cidade procura, na materialidade do discurso (língua, texto, imagem, escritura, cena... na história), vestígios que fazem funcionar, significando, sujeitos e sentidos no espaço urbano.

Meu percurso na leitura de *Cidade dos Sentidos*, de Eni Orlandi, busca estabelecer um lugar de observação do refinamento, peculiar a todo o trabalho da autora, que

examina minúcias, particularidades, e diz sobre funcionamentos constitutivos da cidade. Inatingíveis a olhares tradicionais.

Não é nas grandes pinceladas, nas cores que saltam aos olhos, no flagrante, nas autobiografias, no já-dito e repetido, no generalizado, no conteúdo que se descobre o autor do quadro, do crime, do trauma, da trama. São os gestos, os jeitos das pontas: dos dedos e das falas. Pontas de linguagem que se mostram no limiar do significante. Simbólico.¹

Cidade dos sentidos é uma entrada na cidade. Trânsito do olhar que considera o espaço como *um* significante. “Te avisei que a cidade era um vão” (cf. p. 8). Um *vão* que é cheio. E assim, segundo Orlandi, a cidade se ancora simbólico-politicamente na

* Aluna do Mestrado em Lingüística no Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp.

¹ Aponto aqui uma possibilidade de encontro da Análise de Discurso com o trabalho de Carlo Ginzburg. O olhar minucioso dos indícios, a escuta cuidadosa das marcas, a materialidade *re-velam*. Como convite, cito um artigo intitulado “Sinais: raízes de um paradigma indiciário” (em Ginzburg, *Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história*. São Paulo: Cia. das Letras, 1991). Nesse texto, o historiador faz uma relação interessante entre o médico Giovanni Morelli, o personagem (fictício!) Sherlock Holmes e Sigmund Freud.

quantidade. Não é possível pensá-la socialmente sem o comum, o mesmo e o muito metaforizados. Deparamo-nos quotidianamente com esse (o) conflito.

Por outro (mesmo) lado, desenha-se o imaginário da organização urbana pela vulgarização do discurso do urbanista: é necessário ordenar a cidade: aerar, fazer e deixar circular, controlar, higienizar, civilizar, modernizar. Esquecemos, nessa vulgarização do urbanismo, que há uma complexa história de constituição urbana, entrelaçam-se sujeitos, a economia, a arquitetura, o administrativo, o jurídico, o político na difícil relação entre a cidade, o urbano e o social.

A cidade se coloca, pois, como um espaço de interpretação particular. Eni se debruça. E considera a janela de onde olha como parte da cena. “Ela dá a inclinação do corpo” (cf. p. 28). Essa janela, para o analista de discurso, é a formulação. Atualização da memória que historiciza, metaforiza, transfere sentidos.

Em seu trajeto pela cidade Eni Orlandi vai mostrando, com muita beleza, o trabalho da letra urbana, sua constitutividade e seu funcionamento na cidade. O rap, a poesia, a música, o grafite, a pichação, as inscrições, os outdoors, os nomes de rua, os letreiros, as rodas de conversa, os barulhos. Flagrantes do discurso urbano. Corpos em movimento.

Lembretes. Pontos de ancoragem da narratividade urbana. Materialmente dispersos. Como interpretá-los? Como se interpretar neles? Como impõem gestos de interpretação? Como a interpretação os habita? (Cf. p. 21.)

Questões até então não colocadas. Inusitadas. Gestos que apontam a luneta para o dedo, não para a lua. O óbvio dá lugar ao inesperado, ao indecifrável enquanto sentidos em processo. Vias de deslocamento. A cidade é injunção a trajetos, vias, ruas (cf. p.63). Transitemos!

Orlandi mostra o alcance teórico-analítico de seus olhares. Na prática capitalista a materialidade simbólica da cidade fica reduzida à urbanização, a cidade e o social passam a significar somente pela discursividade urbanista. Assim, o comum, o mesmo e o muito, a *quantidade* significativa d(n)a cidade, não se metaforizam bem: o tempo urge, o espaço é entulhado, o outro é inimigo. O conflito, a diferença, o social se transferem, naturalizadamente, para os sentidos da violência. É essa metáfora mal-sucedida que sustenta, segundo as análises da autora, o imaginário de que um condomínio fechado, um bolsão residencial, um shopping trazem segurança. Esse muro que indistingue público e privado gera mais violência. Porque segrega. Determina quem pode e quem não

pode. Os bem-vindos e os malvistas. Desconfia de todos que estão (postos) fora.

E as relações sociais? E os sentidos que estão por vir? E os espaços públicos? O cálculo e a abstração já preencheram. “Sem espaço vazio não há possível, não há falha, não há equívoco” (cf. p.35). Os sentidos da cidade estão sendo ocupados pelo discurso homogeneizante da violência. Mas a cidade é um vão. Dispersão. Sentidos deslizam de outros lugares. Fazendo ouvir, no mesmo, a divergência. “Entre motores e ruídos (...) o voo do pássaro cria *uma nova hipótese de espaço*” (cf. p. 27).

O livro nos leva também a entrar no mundo do corpo textualizado, tatuado, teatralizado, decorado. Corpo da cidade no corpo do sujeito. *Escritura de si*. A tatuagem, o piercing expõem o corpo-suporte, o corpo-texto, *a letra encarnada*. A contemporaneidade nos faz viver num excesso de linguagem em que tudo é autoria (mídia, publicidades, outdoors, pichações) e o sujeito faz também da pele o muro pintado, o papel em branco que reclama uma escrita. Novas tecnologias de linguagem ao alcance do corpo. É a formulação recortando modos de significar. “Lugar da interpretação que interpreta o corpo-que-interpreta” (cf. p. 128).

Ainda na reflexão sobre o trânsito da *Letra*, Eni Orlandi pergunta pelo lugar do conhecimento, sua produção e circulação, na cidade. Partindo do pressuposto de que “todo dizer é um gesto político, porque toda significação tem uma direção, divide” (cf. p.129), a autora vai tomar o jornalismo científico, com seu efeito de “exterioridade da ciência”, como um espaço de observação da demanda de conhecimento.

A atual forma simbólico-política capitalista abarca o sujeito na injunção a direitos e deveres e também ao conhecimento: o sujeito ocidental *semanticamente normal* (para lembrar Pêcheux²) é o sujeito adulto, letrado, cristão, “tendo o domínio de tecnologias de linguagem variadas, e capaz de, se não produzir, pelo menos ‘ler’ ciência” (cf. p.138).

E qual o papel da escola nesse processo? A crítica de Orlandi está no fato de que, ao invés da escola criar condições para o sujeito produzir e trabalhar sua relação com o conhecimento, ela serve apenas como instrumento midiático, de informação sobre a ciência, um divulgador que se propõe a formar cidadãos.

Na leitura do livro, vemos que a cidadania não é função da escola, é uma questão

² M. Pêcheux, *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Campinas, SP: Pontes, 2002.

histórica, política, social: a partir do momento em que nascemos em uma república, já somos, não temos que nos tornar, cidadãos. A busca por essa cidadania que não se alcança é produzida justamente no cruzamento da “didatização do discurso da ciência fora da escola” com a “mídiatização do discurso da ciência na escola” (cf. p.144) em substituição ao processo de se reconhecer enquanto cidadão historicamente. À escola, cabe dar visibilidade para o sujeito como um “*lugar de conhecimento*” (cf. p.147), trabalhando, elaborando os sentidos dessa constituição.

Enquanto instituição espacializada na cidade (não empiricamente localizada, mas simbolicamente significada na relação com a

urbanidade), a escola deve ir para a *rua* subvertendo o dentro no fora. Eni reivindica essa gestualidade política de disponibilizar sentidos confrontando-os com o *real* da cidade, restituindo a professores e alunos – cidadãos – o trabalho com o saber em lugar da simples reprodução. O conhecimento deve atravessar a *rua*, buscar compreender e produzir os entremeios de sua constituição. É assim que cidadãos, moradores, habitantes, transeuntes poderão *des-transformar* a cidade em dispersão, divergência, deslizes, vias, *vão*.

Esse livro de Eni Orlandi fica como um convite a *ocuparmos* a cidade, já que nela transitamos quotidianamente.